

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70<sup>1</sup>

Ercilio da Silva Martins\*

**Resumo:** Neste artigo buscamos analisar a relação de duas das maiores organizações guerrilheiras atuantes nas décadas de 1960 e 70 na Argentina. São elas: Os *Montoneros*, expressão peronista de maior poder nas guerrilhas; e o *Partido Revolucionario de los Trabajadores - Ejército Revolucionario del Pueblo*, a guerrilha de maior vulto entre a esquerda marxista. Ambas mantiveram durante praticamente toda sua existência uma produção jornalística significativa, na qual expuseram suas posições políticas. Os *Montoneros* tiveram os seguintes periódicos durante sua existência: *El Descamisado*, *El Peronista*, *La Causa Peronista* e *Evita Montonera*; e o PRT-ERP teve o *El Combatiente* e o *Estrella Roja*. É através da análise desse material, que realizamos esse trabalho, buscando a compreensão das perspectivas ideológicas e teóricas expressas nessas publicações; as suas leituras dos eventos políticos da época; as suas críticas às posições de outras organizações e partidos; as suas autocríticas e as citações diretas que elas fizeram. As duas organizações tinham como elemento comum a adesão à estratégia de guerrilha; porém, carregavam diferenças que as posicionam, muitas vezes, em campos opostos do cenário político de então. Essa oposição deixou de ser significativa, quando tiveram pela frente inimigos em comum: a repressão violenta do governo de María Estela Martínez de Perón e a subsequente Ditadura Militar (1976-1983), que foi uma das mais violentas dentre os seus pares latino-americanos.

**Palavras-Chave:** Guerrilha; Esquerda; Peronismo; *Montoneros*; *PRT-ERP*.

---

<sup>1</sup> Agradecimentos: a Dr<sup>a</sup> Stella Maris Scatena Franco Vilardaga, que me guiou enquanto orientadora na pesquisa de Iniciação Científica da qual este artigo é fruto, fez as primeiras revisões deste texto e me apoiou em todo o processo; e a todas as outras pessoas que direta ou indiretamente colaboraram no desenvolvimento da pesquisa e do presente artigo.

\*Graduando em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Contato: ercilio.martins@usp.br.

## Introdução

A Argentina nas décadas de 1960 e 70, acompanhando a efervescência política dominante em toda a América Latina, viu nascer a expressão armada de um conflito político-social, que não encontrava mais espaço efetivo de ação nas esferas legais. Na radicalização do momento, tudo tomava o grave tom do lema do *Partido Revolucionario de los trabajadores* (PRT): "*a vencer o morir!*". Esse artigo abarcará o período de 1968/1976, sendo os cinco primeiros anos uma análise do desenvolvimento e construção do PRT-ERP e dos *Montoneros*, que executaram suas primeiras ações nesse momento. A partir de 1973 temos a consolidação e momento de maior força dessas guerrilhas, com o ápice dos aspectos que mais nos interessam nesse trabalho: a relação travada entre as duas. Pois se inicia um amplo diálogo nos jornais estudados entre o marxismo *perretista* e o peronismo *montonero*. O objetivo do artigo é então, traçar a trajetória da relação entre as duas organizações, inseridas no contexto das lutas sociais nas propostas de esquerda que buscaram na classe trabalhadora seu sustentáculo, e tiveram como um dos principais mecanismos de atuação a própria produção jornalística que será nossa fonte de análise. Esse material foi onde as organizações expressaram oficialmente seus pontos de vistas ideológicos, suas leituras do contexto e onde abriram debates com as demais organizações políticas da época; sendo então, fonte que nos permite fazer a análise proposta.

A primeira publicação dos Montoneros, foi o semanário *El Descamisado*, ele foi produzido de maio de 1973 até abril de 1974, tendo 47 publicações que chegaram à tiragem de até 100.000 exemplares (ESQUIVADA, 2009, p.20). Foi dirigido por conhecidos militantes dos Montoneros: Dardo Cabo e Ricardo Grassi. Em seu último número se publicou uma foto de um policial assassinando um manifestante que marchava rumo à Casa Rosada, o que provocou o fim do semanário. O jornal seguiria sendo publicado, mas com novo nome e nova direção em *El Peronista*, dirigido por Miguel Lizaso, que durou apenas 2 meses com seus 6 números. Embora existam poucos números de *El Peronista*, ele cobre um momento central para a organização, que é a expulsão dos Montoneros da Praça de Maio em meio ao discurso de Perón nas comemorações do dia do trabalhador de 1974, e todo o reflexo traumático disso na organização.

Novamente o jornal dos Montoneros seria censurado e recomeçaria com novo nome e direção. Dirigido por Rodolfo Galimberti surgiria *La Causa Peronista*, que durou de julho a setembro de 1974. Esse jornal teve apenas 9 números publicados, sendo posteriormente proibido, pouco antes dos Montoneros entrarem na clandestinidade.

*Evita Montonera* é o próximo e último jornal oficial dos Montoneros, produzido de dezembro de 1974 até agosto de 1979. Foi um jornal muito diferente dos anteriores, pois era uma publicação inteiramente clandestina e dirigida diretamente pela cúpula dos Montoneros. Nos anos finais da

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

organização, com o exílio de grande parte dos militantes, a impressão foi feita a partir de outros países da América Latina. Teve publicação bastante irregular, tendo enfrentado dificuldades devido à nova realidade política Argentina, já com a morte de Perón e o governo de María Estela Martínez de Perón e, sobretudo, a partir do golpe militar de 1976.

O PRT-ERP teve como primeiro jornal o *El Combatiente* que foi publicado de março de 1968 até novembro 1981, tendo sido fundado por decisão do IV Congresso do Partido com intenção de divulgação de suas ideias e cooptação (SANTILLI, 2012). Foi distribuído clandestinamente durante todo esse período, com exceção de junho a setembro de 1973, em que o jornal circulou legalmente, duplicando suas vendas, devido a abertura e legalidade durante o curto governo de Héctor José Cámpora.

A organização dos jornais, segundo Luis Mattini, era centralizada em torno de seu principal líder, Mario Roberto Santucho (MATTINI, 1996, p.67), que estava por trás de muito do que foi escrito e publicado com ajuda de uma equipe de militantes, entre eles sua esposa, Ana María Villarreal. Em algumas edições aparece como diretor outro importante militante, Pedro Cazes Camarero.

Os jornais eram distribuídos através de um processo de venda e com objetivo de criação de vínculos entre os militantes e os possíveis interessados no jornal. O mecanismo de venda deveria ser oportunidade de diálogo entre o militante e o comprador, buscando mais que simplesmente entregar o jornal; e sim, atrair para a organização, na construção de um círculo de simpatizantes do Partido. Essa lógica de distribuição é amplamente discutida no *El Combatiente* de número 76, em que Santucho evidencia e critica uma postura que estaria acontecendo largamente, de distribuição gratuita e sem o processo de diálogo e convencimento, do jornal.

Seguindo em uma lógica de separação entre partido e exército, o ERP também teria um jornal específico que foi o *Estrella Roja*. A primeira publicação é de abril de 1971 tendo alcançado 93 números até fevereiro de 1977. Enquanto o *El Combatiente* seria direcionado para um leitor mais politizado, *Estrella Roja* pretendia alcançar as mais amplas massas do povo argentino (SANTILLI, 2012). Nele foram publicados muitos debates e discussões teóricas, posicionamentos oficiais da organização, leituras do contexto, mas a preocupação era sempre de ordem mais prática e dizia respeito à posição específica da guerrilha. Era também um veículo que serviu de informativo para as operações militares que foram feitas. As últimas páginas trouxeram sempre um boletim das ações realizadas pela guerrilha nos meses anteriores.

Agora, faz-se necessário apresentar com mais detalhes as organizações que tratamos neste artigo.

A origem do PRT-ERP está na união de duas organizações oriundas de distintos meios

políticos. O primeiro, chamado *Frente Revolucionario Indoamericano Popular* (FRIP), era um grupo indigenista com inspiração em Víctor Raúl Haya de la Torre, líder histórico do *Partido Aprista Peruano* (APRA), e no marxismo de José Carlos Mariátegui. Era uma pequena organização de Santiago del Estero, encabeçada por Francisco René Santucho, fundada em 1961. Jérémy Rubenstein categoriza o regionalismo da FRIP como a busca de um nacionalismo não europeu, encontrando no indigenismo mais que uma reivindicação identitária e cultural, uma expressão política (RUBENSTEIN, 2005, p. 12). A esses elementos se somava a influência da Revolução Cubana, expressa sobretudo naquele que despontaria como principal líder da organização: Mario Roberto Santucho. Em 1961 ele realizou uma viagem a Cuba para receber instruções militares e, com seu regresso, iniciou o grupo, envolvendo-se em revoltas camponesas na província de Tucumán, onde travaria os contatos iniciais com a segunda organização, *Palabra Obrera*.

O *Palabra Obrera* foi um grupo trotskista liderado por Nahuel Moreno, pseudônimo de Hugo Miguel Bressano Capacete, surgido no período imediatamente posterior ao primeiro governo peronista. Diferentemente da frente anterior, tinha sua ideologia firmemente assentada no marxismo-leninismo clássico. Embora *Palabra Obrera* tenha em alguns momentos defendido a guerrilha como via ao socialismo, logo se tornou crítica a essa estratégia política. Mas os críticos foram sobretudo os dirigentes da organização. Uma fração minoritária, no entanto, continuou a defender a guerrilha armada, ao ponto de, posteriormente, se desligar da organização. E foi justamente esta ala minoritária que travou os primeiros contatos com a FRIP de Santucho.

O congresso de unificação entre o PO e a FRIP ocorreu em maio de 1965, formando o *Partido Revolucionario de los Trabajadores* (PRT), que adotava a concepção leninista de organização na conformação de um partido que se colocasse à frente da luta popular. Assim, a necessidade de um partido dirigente iria se sobrepor à estratégia de guerrilha, na concepção de que para se desencadear a luta armada, antes era necessário constituir um partido revolucionário. A discussão sobre partido e luta armada eram os temas centrais nos debates que envolveram tanto a unificação quanto a ruptura dessas duas organizações (WEISZ, 2006, p. 41).

Todo o período de unificação foi marcado por um intenso conflito entre os militantes oriundos de uma FRIP radicalizada, que exigia ações políticas mais diretas frente à oposição através de um apelo de cautela e manutenção da legalidade pelos oriundos do PO. Esta situação levou à forte fragmentação da organização, em 1967. Os vários e profundos conflitos internos culminaram em sua definitiva ruptura.

O PRT, após a saída de Moreno e seus aliados, seguiu liderado por Mario Roberto Santucho, mas o marco conceitual político provocado pelo trotskismo continuaria mesmo após a ruptura (WEISZ, 2006, p. 13). O PRT não parecia mais em nada com aquele pequeno grupo indigenista que

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

fora a FRIP. Continuará uma organização de cunho leninista com sua ideologia firmemente alinhada ao pensamento marxista. Muitos dirigentes egressos do antigo PO seguiram com Santucho e influenciariam essa organização a prosseguir dentro da esquerda tradicional, embora adotando a estratégia de guerrilha. E logo no ano seguinte, no IV Congresso do PRT, realizado em fevereiro de 1968, funda-se o *El Combatiente* como órgão oficial da direção do novo Partido que surgiu da ruptura com a ala morenista, e onde iniciamos a nossa pesquisa.

A criação do *Ejército Revolucionario del Pueblo* como a ala guerrilheira do PRT acontece no V Congresso realizado em 1970, seguindo preceitos organizativos leninistas, de separação entre o grupo militar e o grupo político. E em 1971 surge o jornal que deveria ser o veículo de informação oficial do ERP, o *Estrella Roja*.

Todos esses primeiros anos correm dentro de uma ditadura militar iniciada com a deposição de Arturo Illia em 28 de junho de 1966. Uma junta militar outorgou o poder nesse ano ao general Juan Carlos Onganía, que ficaria no poder até 1970, quando foi substituído pelo general Roberto Marcelo Levingston, que por sua vez governou até 1971, quando o sucedeu Alejandro Agustín Lanusse, último presidente desse período ditatorial argentino. É nesse contexto que surge o PRT-ERP e em que ele inicia suas ações guerrilheiras, do mesmo modo que as alas peronistas, tendo o governo militar como inimigo.

Os *Montoneros* tiveram sua primeira aparição na história em maio de 1970, com o sequestro do general Pedro Eugenio Aramburu. Através de um comunicado, reivindicavam a ação para essa organização até então desconhecida. Com a alegação de que o regime pretendia recolocar Aramburu no poder para sustentar uma vez mais uma falsa democracia e a entrega da Argentina ao imperialismo, eles sequestravam esse antigo inimigo do peronismo, um dos líderes do movimento que retirou Juan Domingo Perón em 16 de setembro de 1955, e presidiu a Argentina nos anos seguintes.

A complexidade da organização *Montoneros* está na conjunção de elementos ideológicos que ela congregou. Tem-se o elemento do cristianismo militante, que se aproximou dos ideais de esquerda através da Teologia da Libertação, e que no contexto latino-americano se radicalizou com a visão de que a guerrilha seria a solução para o problema da pobreza, que muito os tocava, inspirados pela figura de Camilo Torres, sacerdote colombiano que morreu em 1966 com as armas em punho enquanto praticava a guerrilha armada em seu país. Somado a isso tem-se o socialismo trazido pelo caso cubano, não os levando a uma aproximação com o comunismo marxista clássico, ou à ortodoxia do Partido Comunista Soviético, e sim à ação revolucionária imediata através do *foquismo*, inspirado pela estratégia de Che Guevara. E, por último, o elemento do peronismo, explicado pelo fato de as massas populares, a grande maioria dos trabalhadores, enxergarem em

Perón seu representante e salvador. Por esta razão vão seguir esse clamor e defender o peronismo enquanto via ao socialismo. O fato de Perón ter sido deposto em 1955 e substituído por um regime militar claramente reacionário, somado ao imenso apoio popular de que ele gozava, fez com que parcelas da esquerda fizessem uma autocrítica e enxergassem na resistência peronista um caminho revolucionário (ZAMORANO, 2005, p. 100).

Os *Montoneros* foram um produto de vários grupos fundadores espalhados pelo território argentino: o Grupo de Córdoba, composto por estudantes católicos da Universidad Nacional de Córdoba; o Grupo de Santa Fé, composto por estudantes da Universidad Nacional del Litoral e da Universidad Católica de Santa Fe, e unificados com a Acción Sindical Argentina (ASA) de Santa Fe; o Grupo Reconquista, composto por estudantes, seminaristas e missionários cristãos, com apoio de padres, como Rafael Yacuzzi, todos ligados a lutas populares (esse grupo conformaria uma célula guerrilheira no norte de Santa Fé); o Grupo de José Sabino Navarro, fervoroso peronista que, em 1968, fundou uma pequena célula armada, que se uniu no ano seguinte à célula de Gustavo Lafleur. Além destes, os dois grupos principais, os Comandos Camilo Torres, de Buenos Aires e de Córdoba, compostos, respectivamente, por missionários ligados ao padre Carlos Mugica e por estudantes do Liceo Militar General Paz.

Todos esses grupos mantinham uma relação próxima, coincidiam em suas origens, imbuídos de um cristianismo que, através do debate sobre a questão social, se aproximavam de um nacionalismo revolucionário identificado com o peronismo. E, de dezembro de 1969 a maio de 1970, realizaram várias ações conjuntas, como assaltos a bancos, destacamentos policiais e propriedades militares, em busca de dinheiro e armas. Mas, sobretudo nesse período, os grupos discutiram a possibilidade de unificação em uma organização político-militar de amplitude nacional, o que se realizou sob o nome de *Montoneros*, que logo se colocaram a planejar a primeira ação da organização, que se realizou em 29 de maio de 1970, qual seja, o sequestro do general Aramburu.

Embora os *Montoneros* tenham surgido em 1970, seu primeiro jornal apareceria apenas em 1973, com a publicação do primeiro número de *El Descamisado*. Ele surge então já no final da Ditadura Militar, que havia convocado a eleição da qual saiu vencedor para a presidência o candidato peronista Héctor José Cámpora, marcando o retorno dessa ala política depois de muitos anos de exílio.

Cámpora governaria apenas de maio a julho de 1973, quando renunciou e convocou novas eleições abrindo espaço para a vitória eleitoral do próprio Juan Domingo Perón, que fez um governo de políticas que abrigou até setores da direita argentina abrindo uma disputa e um enfrentamento com sua militância de esquerda.

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

Esse mandato de Perón foi interrompido em julho de 1974 pela sua morte, deixando no poder sua vice María Estela Martínez de Perón, intensificando o conflito com a guerrilha em um período marcado por uma ampla perseguição a toda a esquerda nacional, inclusive a peronista. Em março de 1976 ocorreu um golpe de estado por parte dos militares que ocuparam o poder.

A análise deste artigo se encerra no ano de 1976, pois as organizações guerrilheiras estudadas são duramente atacadas desde o governo Perón, intensificando-se com María Estela Perón e chegando na ditadura militar subsequente já completamente enfraquecidos. Os principais líderes e uma grande quantidade de militantes são assassinados ou presos já no decorrer desses anos, e a barbárie repressiva do regime militar de 1976 completa a destruição dessas organizações (COGGIOLA, 1984, p. 79). O que se segue a partir daí, nas palavras de Vera Carnovale, é uma "história de agonia", um partido destruído que organizaria pequenas discussões de reconsideração política e autocrítica, para a dissolução definitiva poucos anos depois (CARNOVALE, 2011, p. 17).

### **Relação PRT-ERP e Montoneros**

Nos jornais das duas organizações, para os anos iniciais da década de 1970, observa-se a existência de uma relação amistosa entre elas. E, ao menos para o ano de surgimento dos *Montoneros*, até 1973, podemos sustentar que os contatos travados foram respeitosos, e em alguns momentos houve relações de bastante proximidade, como confirmam as afirmações de um ex-membro dessa organização que posteriormente se dedicou a estudos daquele período histórico: Roberto Perdía (PERDÍA, 2013, p. 22). O enfrentamento com a ditadura, inimigo em comum, inevitavelmente criava vínculos entre elas. As práticas e o discurso revolucionário, ainda que de origens diversas, tinham muitos pontos de encontro. Mas sobretudo, qualquer divergência ideológica, nos parece, ficava em segundo plano diante de razões de ordem prática. Alguns números do *El Combatiente* fazem menção a encontros rotineiros dos blocos do PRT com os da esquerda peronista, em manifestações de apoio a greves em portas de fábrica, e nessas situações a união diante da causa comum parece ter predominado, ainda que a causa comum, nesse caso, fosse apenas imediata. Como é exemplo, o *El Combatiente* de 8 de abril de 1968, em que se notícia a agitação conjunta feita por diferentes organizações revolucionárias (PRT, *Acción Revolucionaria Peronista*, e outras) no Congresso da CGT (*Confederación General del Trabajo*). A relação entre as lideranças de ambas as organizações não foi de conflitos, e os militantes estariam misturados naquelas lutas em



comum, às vezes compartilhando os mesmos núcleos de estudos políticos, sem grandes questionamentos sobre os elementos que os diferenciava (POZZI, 2005).

Para esses primeiros anos, existiu um momento que podemos marcar como de grande aproximação do PRT-ERP com as guerrilhas peronistas. No ano de 1971 Santucho e muitos outros dirigentes do PRT foram presos. Todos cumpriam suas penas na penitenciária de Rawson, que naquele momento era uma prisão quase exclusiva de guerrilheiros. Nela também estavam muitos militantes e dirigentes dos Montoneros, FAR (*Fuerzas Armadas Revolucionarias*) e FAP (*Fuerzas Armadas Peronistas*). Esse convívio em cárcere de todos esses militantes provocou um estreitamento dos laços entre essas organizações e propiciou a elaboração de um plano da fuga em conjunto.

Toda a fuga decorreu parcialmente bem, alguns militantes presos conseguiram a liberdade, incluindo importantes dirigentes; porém, no dia 16 de agosto do mesmo ano, como ato de represália, as forças militares armaram a simulação de uma nova tentativa de fuga, para através desse pretexto, executarem vários dos militantes envolvidos no evento do dia anterior que não haviam conseguido escapar. Entre eles, Ana Maria Villareal, esposa de Mario Roberto Santucho. A farsa da suposta tentativa de fuga foi logo revelada e esse evento entrou para a história como o massacre de Trelew. E para além dos sucessos e falhas dessa ambiciosa ação, fica patente esse momento como um marco de união entre PRT-ERP, *Montoneros*, FAR e FAP.

Embora a prática leve a essas possibilidades de união esporádicas e não tenha havido conflitos, queremos elucidar como apareceu, nas análises feitas, a divergência em nível teórico. Nos números 56 a 59 de *El Combatiente*, foram publicadas quatro notas de esclarecimento sobre a leitura que o partido adotava para com o peronismo. A posição exposta era de que a conjuntura internacional, com a deterioração do imperialismo inglês e a ascensão do estadunidense, permitiu um governo "*bonapartista*"<sup>2</sup> apoiado na classe trabalhadora e fundamentada no controle sobre ela. Tal como expresso no jornal:

---

<sup>2</sup> É um termo marxista que faz referência aqui a uma liderança política que busca aparentar estar fora da divisão de classes e de seus conflitos. Uma forma de dominação política que se separa dos partidos políticos tradicionais e passa a ser representada pelo exército ou por alguma liderança carismática; porém, com objetivo último de resguardar a sociedade



## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

Nosotros creemos que el peronismo fue un movimiento histórico que intentó un proyecto de desarrollo capitalista independiente, a través de un gobierno bonapartista que controlara a la clase obrera para apoyarse en ella (*El Combatiente*, Nº 56, 29 de maio de 1971, p. 7-11).

Porém, essa definição se complexifica e dá o tom da relação que o partido terá com os *Montoneros*, quando eles nos dizem que o peronismo enquanto fenômeno social tem variantes, ele não é um, existem "peronismos" diversos. E ainda existe, segundo o jornal, uma luta de classes interna a ele. O peronismo teria representado uma primeira etapa na formação de uma consciência de classe; porém, longe de permitir uma perspectiva política para essa classe. Aponta-se que as variadas correntes que tentaram organizar uma força realmente popular, que atendesse aos interesses da classe trabalhadora efetivamente, dentro do complexo movimento peronista, fracassaram. Nas páginas de *El Combatiente* encontramos a seguinte explicação:

En síntesis, el peronismo que constituyo en su tiempo una etapa de la formación de la conciencia proletaria ha sido ya superado en ese terreno por la aparición creciente de una nueva conciencia, auténticamente proletaria (*El Combatiente*, Nº 56, 29 de maio de 1971, p. 7-11).

No que toca diretamente a relação entre Perón e as organizações guerrilheiras peronistas, e marca em definitivo a visão que o PRT-ERP expressou sempre em seus jornais sobre os *Montoneros*, dentro do ponto de vista da discussão teórica, essas notas publicadas entendem que o militante da esquerda peronista está no mesmo campo de luta que os marxistas, do mesmo lado, porém equivocado em seus objetivos. Em que o uso da violência, que é utilizado, é o método mais revolucionário possível. Porém, está a serviço de objetivos que nada têm de revolucionário, como é para eles a luta pelo retorno de Perón e a construção de um governo burguês. A crença da ascensão de Perón como ponto de partida para transformar o regime social é tratada como o grande equívoco, é o grande divisor entre a guerrilha marxista e a guerrilha peronista, pois:

---

burguesa em momentos de efervescência popular.

(...)el gobierno bonapartista de Perón se formuló un plan de desarrollo capitalista independiente para frenar el proceso revolucionario que planteaba las contradicciones del régimen capitalista en nuestro país y en el mundo (*El Combatiente*, Nº 56, 29 de maio de 1971, p. 7-11).

E, para o PRT-ERP, Perón iria atuar mais vezes como freio da luta revolucionária, através de seu chamado para a pacificação nacional, desviando as lutas populares para farsas eleitorais, colocando em prática a lógica de desmobilização típica de um governo "*bonapartista*".

Mas ressaltamos que essa crítica ao peronismo é válida pelo ponto de vista teórico, que como apontarei à frente de maneira mais clara, esteve submetida a uma interpretação que buscou a conciliação por finalidade estratégica e prática e, não o conflito motivado por desacordos teóricos. Principalmente, porque a ala do peronismo da esquerda guerrilheira será apontada como propensa a superar o próprio Perón e se somar aos setores, considerados por eles, verdadeiramente revolucionários.

Por isso, no plano prático, observamos que há uma relação pacífica e de cooperação entre as guerrilhas do PRT-ERP e dos *Montoneros*. Ao menos é assim até o ano de 1973, em que encontramos um interregno dessa situação. A principal reivindicação *montonera* era o retorno do peronismo, e como sabemos, nesse ano isso de fato ocorre. Enquanto para o PRT-ERP a conquista eleitoral de Cámpora não significa vitória alguma, no máximo, nas palavras de Santucho esse acontecimento político serviria para "oxigenar o Partido" (MATTINI, 1995, p. 131). E ainda:

(...) el programa del FREJULI<sup>3</sup> es reactivar el capitalismo y mediante la llamada "pacificación" detener el proceso de guerra revolucionaria que se desarrolla en nuestra patria (*El Combatiente*, Nº 76, março de 1973, p. 2.).

A questão das eleições vai ser amplamente discutida dentro do PRT-ERP, acarretando em algumas divisões internas. Uma parcela considerava que o Partido deveria formar uma conceituação

---

<sup>3</sup> Aliança eleitoral argentina formada em 1972 que triunfou nas eleições presidenciais de março e de setembro de 1973, com as candidaturas de Héctor José Cámpora e Juan Domingo Perón.

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

aprofundada sobre a situação e ter uma prática específica e bem definida de ação frente a esse novo dilema. Outra parcela, que foi a opinião que predominou e é a que veremos expressa nos jornais da organização desse período, acreditava que tudo era somente uma farsa eleitoral, que tudo seguiria igual e o caminho da revolução era ainda o mesmo: as armas.

Houve ainda uma parcela minoritária do Partido que considerava a vitória eleitoral de Cámpora uma grande conquista, e que todos deviam apoiá-lo nesse governo. Esse grupo, diante do posicionamento oficial do Partido, acabou por se desligar dele e formar o *ERP-22 de Agosto*, que atuou em conjunto com os peronistas nas manifestações de apoio ao presidente eleito. Essa organização ainda foi a responsável pela chamada "*operación Mercurio*", que consistiu no sequestro e execução do *Contra-Almirante* Hermes Quijada, militar envolvido no Massacre de Trelew.

Em 8 de abril o presidente eleito pediu uma trégua para todas as organizações guerrilheiras atuantes na época, argumentando ser inadmissível a continuidade dos operativos militares. A resposta do ERP veio em um artigo publicado no *Estrella Roja* de número 20 intitulado "*Por qué el ERP no dejará de combatir, Respuesta al Presidente Cámpora*". Nesse texto, a organização esclarece sua posição de não considerar a eleição da FREJULI um ganho do ponto de vista de uma leitura marxista; porém, em respeito à vontade popular, não se atacaria o governo.

Ud. Presidente Cámpora habla en su discurso del 8 del corriente de "unidad nacional". Entre otros conceptos habla de constituir entre "pueblo y FF.AA. una unidad indestructible ante cualquier acechanza". Habla de unidade nacional entre el ejército opresor y los oprimidos, entre los empresarios explotadores y los obreros y empleados explotados (...) En estas circunstancias, llamar a la tregua a las fuerzas revolucionarias es, por lo menos, un gran error. Por el contraio, los verdaderos intereses de la clase obrera y el puble exigen redoblar la lucha en todos los terrenos (...) (*Estrella Roja*, nº 20, 14 de maio de 1973, p. 3-4.)

Sendo a posição oficial da guerrilha do PRT-ERP de que a negação da abertura das eleições e a vitória eleitoral de Cámpora são conquistas reais, eles prosseguiram com as ações durante todo esse período, o que vai se chocar diretamente com os interesses dos *Montoneros*. Os *Montoneros*,

por sua parte, empenhados em conseguir que Cámpora cumprisse uma das promessas que o governo dele significou, de pacificar a Argentina, suspende todas as suas ações de guerrilha; porém, sem depor armas. Isso visava, até o presidente peronista assumir, a garantia de que Lanusse passaria de fato o poder, dado que qualquer ato de violência poderia ser pretexto para o acirramento dessa questão; e após ele assumir, a manutenção da ordem era a garantia da segurança desse governo, que era visto como o início da revolução nacional, socialista e peronista almejada pelos *Montoneros*.

A negação da suspensão das ações por parte do PRT-ERP nesse momento, cria o primeiro desentendimento entre as organizações. Mas ainda podemos dizer que mesmo frente a isso, a relação nunca chegou a um conflito direto. Não houve ofensas ou acusações de nenhum dos dois lados, nem qualquer ação de violência real. Esse desentendimento aparece nos jornais, no máximo, com o claro apoio dos *Montoneros* à nova organização surgida da ruptura do PRT-ERP. No momento em que antes poderia surgir uma saudação a companheiros do ERP, agora se reverencia e se reconhece o *ERP-22 de Agosto*. No *El Descamisado* de 08 de maio de 1973, lamenta-se a morte de Víctor José Fernández Palmeiro, militante do *ERP-22 de Agosto*, e seus feitos em vida são exaltados (ele foi participante da execução do *Contra-Almirante* Hermes Quijada; do sequestro de Oberdan Sallustro; e da fuga da penitenciária Rawson). No *El Descamisado* de 29 de maio do mesmo ano cumprimenta-se a nova organização pelo apoio que vem prestando ao presidente Cámpora e nas fotos que ilustram esses jornais surgem as imagens das manifestações peronistas com as bandeiras *montoneras* ao lado das bandeiras do novo aliado. Acompanhando as imagens, legendas como as que se seguem:

Junto con la poderosa movilización del pueblo peronista, también se unieron a la fiesta otras organizaciones, como el ERP 22, cuya bandera ondeó en la multitud. Un estandarte recordaba, además, al desaparecido combatiente Víctor Fernandez Palmeiro (*El Descamisado*, nº2, 29 de maio de 1973, p. 9.).

Do ponto de vista teórico, os *Montoneros* também teceram críticas ao marxismo *perretista*. No *El Descamisado* de número 4 se publica uma entrevista com Roberto Quieto, da FAR e Mario Firmenich, dos *Montoneros*, em que se expõem através da fala desses importantes dirigentes a

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

posição das guerrilhas peronistas em relação ao PRT-ERP. Nela fica claro que o ponto de distanciamento, a razão do desacordo é o mesmo que o apresentado pela organização marxista, só que agora pelo lado oposto. Para a guerrilha peronista, o erro do ERP é ignorar a experiência nacional argentina que obriga qualquer anseio revolucionário que se queira efetivo a se atrelar a Perón, e ao Movimento Peronista.

Por eso les decimos que para ser revolucionarios en nuestro país es necesario asumir la experiencia histórica de nuestro pueblo, que es el peronismo; por lo tanto aquellos que lo enfrenten o lo ignoren quedan al margen de la historia real y no pueden autodeterminarse revolucionarios. Cuando el ERP o cualquier otro sector llama a la unidade revolucionaria debe tener en cuenta que la única posible es en torno del Mov. Peronista como Mov. de Liberación Nacional y Social cuyo Jefe y Conductor es el Gral. Perón (*El Descamisado*, nº4, e 12 de junho de 1973, p. 4.).

E completam a crítica com um convite à reflexão:

Por eso nosotros queremos invitar públicamente ante el Pueblo argentino a los integrantes del ERP a reflexionar y confrontar frente a las masas su posición. Apelamos como único criterio de verdad, el criterio de las masas, porque para un revolucionario no hay ninguna verdad fuera del Pueblo (*El Descamisado*, nº4, e 12 de junho de 1973, p. 4.).

A resposta do PRT-ERP a essas críticas veio no *El Combatiente* de número 81. Nele se questiona a forma como os *Montoneros* articulam a figura de Perón como chefe da luta revolucionária, com isso distorcendo fatos e negando a mobilização independente da classe trabalhadora, rebaixando o papel desempenhado pelas guerrilhas a algo subsidiário dentro do movimento peronista, removendo o caráter independente das organizações. Contrapõe-se também ao não reconhecimento de nenhum processo de luta que não seja encabeçado por peronistas, argumentando que a luta de classes não se dá simplesmente entre peronistas e antiperonistas.

Nesse texto-resposta do PRT-ERP, eles apontam como erro tático crucial dos *peronistas revolucionários* o fato de reduzirem a guerrilha ao trabalho de desgaste do inimigo como forma de

alcançar a real estratégia de Perón; enquanto na visão *perretista* a guerrilha é vanguarda do próprio processo revolucionário, encabeçando-o. Apontam que mesmo as ações das guerrilhas peronista tiveram esse aspecto autônomo e com finalidades próprias, não teriam sido meras ações de desgaste. Para o PRT-ERP, a guerrilha tem uma função em si mesma, desempenhando um papel concreto, e não era mero melindre que abria o caminho para uma suposta estratégia a ser executada por um grande líder. Dentro dessa lógica, o processo da revolução já havia se iniciado com o próprio acionar guerrilheiro (*El Combatiente*, nº 81, 16 de julho de 1963, p. 7-10.).

O PRT ainda nesse jornal diz reconhecer que as organizações da esquerda peronista estão, de fato, defendendo os interesses da classe trabalhadora dentro do Movimento Peronista, tentando imprimir um rumo progressista ao Governo de Cámpora. Porém, afirmam novamente que essa tentativa, e essa crença na possibilidade de dar um rumo progressista a esse governo é o grande erro dessas organizações, pois alegam que isso não poderia ser levado a cabo nas estruturas do Movimento Peronista tal como ele é, e no governo da FREJULI, pois a defesa dos interesses da classe trabalhadora poderia ser feita apenas por uma estrutura partidária orientada dentro da ideologia de sua classe. Argumentam que não se pode defender os interesses da classe trabalhadora em um Movimento policlassista dirigido pela burguesia e a burocracia. Apontam ainda que o próprio Perón é claro nesse aspecto ao dizer: "somos *justicialistas*", e não socialistas (*El Combatiente*, nº 81, 16 de julho de 1963, p. 7-10.).

Por fim, ressaltam a condescendência de Perón com tendências fascistas (*Juventud Sindical, Confederación Federal Universitaria*) nos acontecimentos de Ezeiza<sup>4</sup>, a quem ele teria dado o palco principal. Teria concedido também a permissão para que gritassem palavras de ordem antissocialistas, e possivelmente teria permitido até mesmo o próprio ataque armado contra os *Montoneros*. E que Perón, após o incidente, não condenou os atos e não ouviu nenhum membro da esquerda peronista, apenas se reuniu com os elementos da direita iniciadores do ataque.

---

<sup>4</sup> O Massacre de Ezeiza foi um enfrentamento entre organizações armadas peronistas que deixou vários mortos e feridos.

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

Com isso o PRT-ERP já começa a sinalizar para o caráter repressivo que vai tomando o governo peronista, o que se confirmará no governo do próprio Perón. O Partido ainda finaliza com uma chamada para que se desperte para o erro político e ideológico de defender o peronismo que, segundo eles, estaria minando a capacidade de luta contra esses inimigos de classe. Faz em seguida uma chamada para a unidade das organizações armadas populares. E ressalta que a discussão a respeito das diferenças políticas existentes entre eles e essas organizações deve ser fraternal, limpa e aberta.

El Ejército dirigido por nuestro partido y el propio Partido han levantado permanentemente la consigna UNIDAD DE LAS ORGANIZACIONES ARMADAS. Porque entendemos que en el desarrollo de la guerra revolucionaria las organizaciones armadas se han ganado en la lucha el carácter de vanguardia combatiente de nuestro pueblo y que, en consecuencia, la unidad de las mismas es uno de los puntos por los que pasa necesariamente la construcción de un Ejército Popular Revolucionario de masas (...) también muy valiosa es la discusión, fraternal y pública, frente a las masas y con las masas, de toda diferencia política existente (*El Combatiente*, nº 81, 16 de julho de 1973, p. 7.).

Na leitura *perretista* existe uma lógica de conflitos de classe interna ao Movimento Peronista, em que elementos da burguesia tentam confundir e separar os setores revolucionários. E apresenta-se dois peronismos diversos: primeiro os setores de esquerda como FAR, FAP, *Montoneros*; a tendência revolucionária da *Juventud Peronista*; o Peronismo de Base, e os trabalhadores peronistas; de outro lado estão os setores burgueses peronistas, setores da direita fascista, Lopes Rega, Osinde, e o próprio Perón. Ou seja, o peronismo nessa visão transcende ao próprio Perón, existindo uma vanguarda peronista que é progressista e popular e deve caminhar para a superação da necessidade de um líder e guia, e de uma burocracia como controladores desses setores vanguardistas.

O PRT-ERP se coloca como inimigo e crítico severo do segundo grupo peronista citado, e aberto à unidade e ao diálogo amistoso com o primeiro. Mas enquanto os *Montoneros* chamam por uma unidade interna ao Movimento Peronista, apontado como policlassista, a aproximação efetiva entre esses setores se torna impossível, dado que a unidade para o PRT é construída em torno de



uma vanguarda revolucionária, tendo por baliza o caráter popular, e a filiação a uma única classe, que é a trabalhadora, dentro das definições marxistas, orientados por um partido.

Até o final de 1973 a situação segue dessa maneira. Não há resposta agressiva do PRT-ERP ao apoio e reconhecimento dos *Montoneros* ao grupo que rompeu com o Partido. Há apenas uma total impossibilidade de concordância, e onde antes havia confluência de intenções diante do inimigo comum que era a ditadura militar, que superava qualquer desentendimento de caráter ideológico ou estratégico, agora havia interesses distintos e conflitantes. O peronismo concretizado no poder colocava as duas organizações em locais opostos: o PRT-ERP continua em suas ações em busca da revolução pelas armas, e os *Montoneros* viviam seu momento de glória diante da crença de que a revolução já havia se iniciado por vias parlamentares. Bastava seguir protegendo o novo governo peronista, na legalidade.

Porém, mesmo nesse momento, ressaltamos que sobretudo para o PRT-ERP a divergência era teórica, mas a estratégia prática levava a buscar uma conciliação com esses setores peronistas. Concordamos com Eduardo Weiss (WEISZ, 2006, p.135) para quem o PRT herdou de sua relação com o *morenismo* uma tradição teórica e conceitual rigorosa; porém, a isso se cruza um forte elemento pragmático. A luta armada é o centro e é privilegiada acima das divergências possíveis daqueles que são considerados dentro do espectro da esquerda revolucionária, e os *Montoneros*, embora apontados como equivocados, são colocados nessa categoria. Demonstração disso nos jornais do PRT-ERP apareceram com frequência, como exemplo, no *Estrella Roja*, nº 20, de maio de 1973, temos a publicação de um comunicado dos próprios *Montoneros*; e na chamada deste comunicado, a organização peronista é referenciada pelos *perretistas* como "*organización hermana*". Ainda em outros números desse periódico aparecem com frequência, nos boletins de ações executados pelas guerrilhas, as ações de maior envergadura executadas, também, pelas guerrilhas peronistas.

No *El Combatiente* de número 76 o PRT-ERP estabelece uma sequência de prioridades. Dentre elas está o estreitamento dos laços com todas as organizações populares buscando os pontos de convergência:

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

Establecer y ampliar estrechos vínculos fraternales entre todas las organizaciones políticas obreras, populares y progresistas. (...) impulsar un trabajo unitario en torno a los puntos de convergencia frente al enemigo común (*El Combatiente*, nº76, março de 1973, p. 4).

Essa defesa da busca da união com esses setores é justificada também por uma interpretação teórica exposta no *El Combatiente* de número 33. Nele, através de uma leitura marxista se conclui que são necessárias três condições para iniciar uma luta armada contra o regime burguês. São elas: o estancamento ou retrocesso das forças produtivas, a existência objetiva de classes revolucionárias e que os setores intermediários não tenham acolhida dentro do regime. Então, passa-se a explicar os motivos que os levam a crer que cada um desses pontos está posto na Argentina da época, justificando o porquê de a organização acreditar que todas essas condições se mostram maduras e a guerrilha deve ser a estratégia da esquerda revolucionária. Aqui nos interessa o segundo ponto, sobre a existência objetiva de classes revolucionárias, em que é exposto nesse número do jornal:

Si nuestra mirada se dirigiera solamente dentro de la izquierda "marxista" leninista trotskista tendríamos que reconocer que estamos muy solos. Pero sabemos que existen otras organizaciones que aunque no se reclaman marxistas y mucho menos trotskistas, son revolucionarias. Revolucionarios cristianos, peronistas, maoistas etc., etc., que se plantean llevar adelante la guerra revolucionaria contra el régimen y para instaurar una sociedad socialista, no para las calendas griegas, sino que se lo plantean como una tarea actual. Con esas organizaciones aunque no sean marxistas, ni leninistas y trotskitas existen las posibilidades de crear una fuerte dirección revolucionaria (*El Combatiente*, nº 33, 6 de agosto de 1969, p. 4).

Aqui vemos um chamado à unidade feito em 1969 e que será repetido constantemente. Essa visão não sofreu mudanças durante todos os anos seguintes da década de 1970, e é o teor que marca em definitivo a forma como o PRT-ERP se relacionará, na prática, com os *Montoneros*. Exorta-se constantemente para que se recuse conflitos teóricos que levem à inimizade entre organizações consideradas revolucionárias, organizações que aderiram à guerrilha como caminho de construção de um governo popular. Com essas organizações o debate deve ser respeitoso. A crítica é defendida

como necessária, porém deve ser sempre colocada em um "bom tom", buscando a conciliação. Ainda nesse sentido o PRT cita o discurso unitário da *Mensaje a los Argentinos*, de Che Guevara, chamando para a unidade as guerrilhas peronistas:

(...) aún cuando las ideologías cambien, aún cuando uno se reconozca comunista, o socialista, o peronista, o cualquier otra ideología política en determinado país, solamente caben dos posiciones en la historia: o se está a favor de los monopolios o se está en contra (...) Todos los que luchamos por la liberación de nuestros pueblos, luchamos al mismo tiempo (...) somos inimigos del imperialismo (*El Combatiente*, nº 81, 16 de julho de 1973, p. 10.).

A situação conflituosa iniciada com as eleições de Cámpora, dado que o grupo *Montoneros* estava se adequando à legalidade exigida pelo governo peronista eleito e o PRT-ERP seguia suas ações guerrilheiras, não durou muito. Logo nos primeiros meses do governo Perón, foram estabelecidas alianças com setores de direita da Argentina. A repressão foi ampliada e as ações de milícias anti-socialistas/comunistas passaram a perseguir todas as organizações de esquerda (com aparente anuência ou participação de importantes membros do *justicilismo*). Estas milícias que tiveram conhecida ligação com figuras importantes do próprio governo de Perón, como é o caso da *Alianza Anticomunista Argentina*, conhecida por *Triple A*, organizada por José López Rega, ministro do Bem Estar Social nos governos de Cámpora, Perón e María Estela Martínez; e por Alberto Villar, delegado-chefe da polícia federal argentina. O massacre de Ezeiza havia iniciado uma fratura entre os setores ligados à guerrilha peronista e aos setores conservadores do movimento, e essa fratura só se aprofundaria com a experiência do governo Perón.

O ponto alto desse conflito é o primeiro de maio de 1974, em que *Montoneros* se retiraram da comemoração do dia do trabalhador na *Plaza de Mayo* devido a conflitos com Perón. Fato que ocorreu depois de serem apontados como "esos estupidos que gritan..." (*El Peronista*, nº3, 4 de maio de 1974. p. 10.) E de elementos estranhos e infiltrados ao Movimento Peronista, pelo próprio Perón. Saíram gritando palavras de ordem como: "esta lleno de gorilas el gobierno popular".

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

Y pese a todo esto fue una asamblea popular. Histórica luego de 18 años de proscripción, pero también la más dolorosa. Algo que daba continuidad al Movimiento desde el gobierno y en la lucha desde el llano, se ha roto este 1º de Mayo en la Plaza: el pueblo no fue consultado por Perón; no nos preguntó qué opinábamos de 11 meses de gobierno (...) Pero vayamos al principio. Esto fue una asamblea popular, aunque el General no se puso de acuerdo con su pueblo (*El Peronista*, nº3, 4 de maio de 1974).

Com a posição crítica ao governo que a organização *Montoneros* passa assumir, embora nunca abandone o peronismo e a defesa de Perón como líder, a crise maior da relação com o PRT-ERP iniciada nos primeiros meses do governo Cámpora se ameniza. E a tendência a partir daí foi de uma progressiva aproximação dos pontos de vista, dado que em julho de 1974 Perón morre e assume sua vice María Estela Martínez de Perón. Ela era uma figura muito malquista pelos *Montoneros*, pela sua conhecida relação com os setores mais conservadores do Movimento Peronista, sobretudo com López Rega que passar a ter o caminho totalmente livre para as ações de sua milícia, a *Triple A*. Tudo isso leva ao retorno da ação guerrilheira, e a volta definitiva a clandestinidade dos *Montoneros*, em setembro de 1974, evento que os coloca novamente no mesmo campo de lutas que o PRT-ERP.

A antipatia em relação a María Estela Martínez foi clara desde sua indicação como vice de Perón. Os *Montoneros* se colocaram oficialmente contra, em texto publicado no *El Descamisado* de número 13 assinado pelo dirigente Dardo Cabo. Embora sempre tenham buscado respeitar a decisão final vinda de Perón, como é possível notar no trecho abaixo:

La noticia de la confirmación de la fórmula Perón-Isabel nos agarró cuando nos sentamos a escribir. (...) Isabel, ha sido la compañera del general, le debemos el afecto por todos estos años que con cariño ha llenado la vida de nuestro Jefe. No es por ella, que no entendemos, es por una respuesta que todos estábamos previendo del general para este asunto de la candidatura. (...) Nosotros no estamos de acuerdo, pero callamos disciplinados, y confiados, y vamos a cumplir (*El Descamisado*, nº13, 14 de agosto de 1973).

E, como afirmado anteriormente, com a morte de Perón, María Estela Martínez assumiu o poder diretamente, levando à crise interna dos *Montoneros* e sua decisão de retorno à clandestinidade e à guerrilha.

La muerte del General Perón no sólo ha sumido en el dolor al conjunto de los trabajadores y el pueblo argentino, sino que significa en la práctica la desaparición del único hombre capaz de congeniar a las diversas fuerzas de la Nación que, aun teniendo diferencias entre sí, coinciden con el objetivo común de liberar a nuestra Patria (*Causa Peronista*, nº1, 9 de julho de 1970).

Essa nova situação da relação entre *Montoneros* e PRT-ERP, aberta com o retorno da organização peronista à luta guerrilheira avança ainda mais com o golpe militar de 1976, que os leva finalmente ao diálogo para uma efetiva unidade entre os dois grupos. Esses diálogos ocorrem em reuniões secretas entre alguns dirigentes durante o mês de junho de 1976, os articulistas do acordo pelo lado do PRT-ERP eram Mario Roberto Santucho e Domingo Menna. Entre os *Montoneros* estavam Roberto Perdía, que descreve o momento da seguinte maneira:

Por un lado nos sentíamos repitiendo el gesto de Perón, de unir a todos en el combate contra la dictadura, cuya acción nos demandaba integrar esfuerzos. Comenzamos a elaborar las bases de la organización para Liberación de Argentina, a semejanza de la OLP palestina, una federación de organizaciones (PERDÍA, 2013, p. 479).

Porém, a história dessa tentativa de união é curta, pois o mês de julho seria o mais duro da história do PRT-ERP. Neste mês, Domingo Menna foi sequestrado por militares que o levaram para o *Campo de Mayo*, onde foi torturado e assassinado. No mesmo dia do sequestro de Menna, dia 19 de julho, Mario Roberto Santucho foi morto em uma operação de militares juntamente com outro dos principais dirigentes do PRT, Benito Urteaga. As negociações com os *Montoneros* morreram com esses dirigentes. Houve mais algumas tentativas de contato que não obtiveram sucesso, pois os canais de comunicação estavam prejudicados. As duas organizações se encontravam cercadas pelo

## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

aparato de repressão, as últimas tentativas de contato nunca chegaram a seus destinos (PERDÍA, 2013, p. 480).

### Considerações finais

Tal como pudemos analisar nessa pesquisa, a relação entre *Montoneros* e PRT-ERP passou por diversas etapas, variando conforme os elementos da conjuntura política nacional. Seu período mais crítico foram os primeiros meses do governo peronista de 1973. Porém, nunca houve conflitos diretos ou agressões. Atentemos ao fato de que estamos falando de duas organizações guerrilheiras com milhares de militantes armados, e nunca houve nenhum incidente grave. A efetiva unidade nunca ocorreu; porém, muitas ações conjuntas foram feitas: unidade de ação que executou o General Juan Carlos Sánchez, conhecido por envolvimento em torturas de militantes de esquerda; a ação de ocupação e fuga da penitenciária de Rawson e uma grande quantidade de outras ações menores.

Para finalizar, observamos que a relação entre PRT-ERP e *Montoneros* foi definida por dois elementos. O primeiro é o pragmatismo. As críticas teóricas, embora rigorosas, foram sempre perpassadas por critérios de ordem prática, que os levou a convocações de unidade, ou, ao menos, a manter uma relação amistosa. O pragmatismo está evidente no teor das colocações que fomos encontrando nos jornais, que foram os veículos de informação oficiais dessas organizações, e na história das próprias organizações, nas posições que efetivamente tomaram e que motivaram suas ações. O segundo elemento é um conjunto de semelhanças que colocam essas duas organizações muito próximas, apesar da grande diferença das duas linhas, marcada pela adesão ao peronismo pelos *Montoneros*, e a crítica a essa adesão, pelo PRT-ERP. Mesmo com esta diferença crucial, observa-se uma série de semelhanças. Elas estão dentro do campo de influência que pesou sobre toda a esquerda latino-americana em algum grau e de algum modo, que é a Revolução Cubana e os posicionamentos de Ernesto Che Guevara, e essa influência é marcante e definidora de ambas.

### Fontes

PRT-ERP, jornais:

**El Combatiente** (Número de publicações: 290 (de março de 1968 a novembro de 1981))

**Estrella Roja** (Número de publicações: 93 (de abril de 1971 a fevereiro de 1977)).

*Montoneros*, jornais:

**El Descamisado** (Número de publicações: 47 (de maio de 1973 a abril de 1974));

**El Peronista** (Número de publicações: 6 (de abril de 1974 a maio de 1974));

**La Causa Peronista** (Número de publicações: 9 (de julho de 1974 a setembro de 1974));

**Evita Montonera** (Número de publicações: 25 (de dezembro de 1974 a agosto de 1979)).

## Bibliografia

ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1976.

CARNOVALE, Vera. *Los combatientes: historia del PRT-ERP*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

CAVIASCA, Guillermo. *Dos caminos: ERP - Montoneros en los setenta*. Buenos Aires: El Río Suena, 2009.

COGGIOLA, Osvaldo. *Historia del trotskismo en Argentina y América Latina*. Buenos Aires: R y R, 2006.

\_\_\_\_\_. *Governos militares na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2001.

DUHALDE, Eduardo Luis. *El estado terrorista argentino*. Buenos Aires: Argos Vergara, 1983.

ESQUIVADA, Gabriela. *Noticias de los montoneros*. La historia del diario que no pudo anunciar la revolución. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). *História do Tempo Presente*. 1 ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2014.



## Das palavras às armas: PRT-ERP e Montoneros através da imprensa militante na Argentina das décadas de 1960 e 70

GERMÁN, Gil. *La izquierda peronista (1955-1974)*. Buenos Aires: CEAL, 1989.

GILLESPIE, Richard. *Soldados de Perón. Los Montoneros*. Buenos Aires: Grijalbo, 1998.

HILB, Claudia y LUTZKY, Daniel. *La nueva izquierda argentina: 1960-1980. (Política y violencia)*. Buenos Aires: CEAL (Centro Editor de América Latina), 1984.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

LANUSSE, Lucas. *Montoneros. El mito de sus 12 fundadores*. Buenos Aires: Vergara, 2005.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

MATTINI, Luis. *Hombres y Mujeres del PRT-ERP*. Buenos Aires: De la Campana, 1995.

NOVARO, Marcos e PALERMO, Vicente. *A Ditadura Militar Argentina 1976-1983 – Do golpe de Estado à Restauração Democrática*. São Paulo: Edusp, 2007.

PERDÍA, Roberto. *Montoneros*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 2013.

POZZI, Pablo A. *Historias del PRT-ERP: ¿Cuál es la mejor arma que tiene la gente en las armas?* Buenos Aires: Imago Mundi, 2005.

\_\_\_\_\_. *Por las sendas argentinas: el PRT-ERP: la guerrilla marxista*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2008.

\_\_\_\_\_. *Historias de "perros": entrevistas a militantes del PRT-ERP*. Buenos Aires: Imago Mundi, 2012.

ROUQUIÉ, Alain. *O estado militar na América Latina*. São Paulo: Alfa -Omega, 1984.

RUBENSTEIN, Jérémy. *Une histoire du PRT-ERP, depuis ses origines intellectuelles aux "moines rouges" guérilleros (1956-1972)*. Paris: Université Panthéon - Sorbonne, 2005.

SANTILLI, Sandra. *La prensa clandestina: un estudio de caso sobre el PRT-ERP*. In: Revista Razón y Palabra, v. 79. México: Universidad La Salle, 2012.

WEISZ, Eduardo. *El PRT-ERP: claves para una interpretación de su singularidad*. Buenos Aires: Centro Cultural de la Cooperac, 2006.

ZAMORANO, Eduardo. *Peronistas revolucionarios*. Buenos Aires: Editorial Distral, 2005.